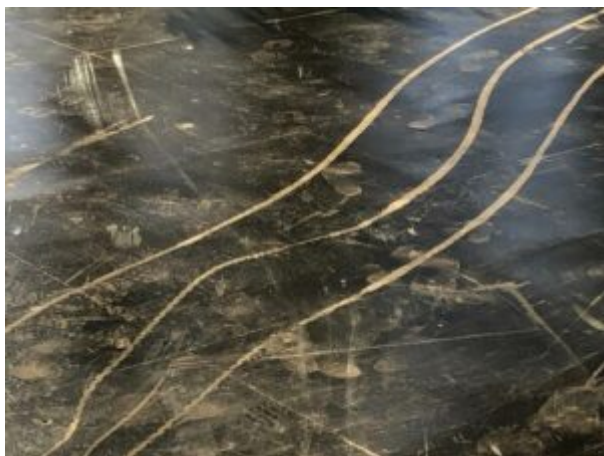


A resiliência de Jeremy Corbyn



Por Antonio Martins*

Uma oportunidade

de dar novo sentido às revoltas populares que marcam 2019 e às frustrações com a política tradicional, que atravessam o mundo há anos, foi perdida. Liderado por sua ala mais à direita e impulsionado pelo Brexit, o Partido Conservador venceu eleições cruciais e obteve folgada maioria no Parlamento (365 de 627 cadeiras) – mesmo alcançando menos da metade (43,6%) dos votos.

O resultado

frustrou, ao menos temporariamente, um processo que se iniciou há quatro anos, e tem grande significado para a esquerda em todo o mundo. Sob a liderança de Jeremy Corbyn, alcançada de modo surpreendente em 2015, o Partido Trabalhista transformou-se, multiplicou seu número de membros e reassumiu a busca de alternativas ao capitalismo.

Sua vitória teria

colocado em prática um programa de impulso aos serviços públicos e ampliação dos direitos sociais; de fortalecimento do Comum e combate ao poder das corporações e da oligarquia financeira; de redistribuição de riquezas combinada com preservação da natureza. Tudo isso, num país onde os fatos políticos têm enorme repercussão internacional.

Agora, as

críticas a Corbyn precipitam-se. Acusam-no de ser pouco carismático; de condescender com o antissemitismo; de ter avançado à esquerda de maneira irrealista e, por todos estes motivos, se afastado do eleitorado. São análises superficiais. Com 32,2% dos votos, o *Labour* continua robusto e popular (comparativamente, os maiores partidos de esquerda obtiveram, em suas últimas eleições, 29,3% no Brasil, 19,58% na França, 20,5% na Alemanha, 28% na Espanha, 22,9% na Itália). Teve maioria em *todas* as

faixas etárias até os 44 anos (chegando a 57% no grupo entre 18 e 24).

Além disso, sua

derrota eleitoral não tem sentido estratégico, porque não o torna incapaz de intervir com protagonismo na nova conjuntura (difícil e certamente tumultuada) que se abrirá. Parte dos ataques visa enterrar uma experiência inovadora e capaz de inspirar a esquerda muito além do Reino Unido. Por isso, examinar estes quatro anos – seus êxitos, as causas reais de seu insucesso nas urnas, suas perspectivas no futuro – é essencial.

A ascensão de

Corbyn: partidos de esquerda também podem renascer

Ativista ligado

às causas trabalhistas, ao anti-imperialismo e às lutas anticoloniais da América Latina desde a juventude; próximo aos grupos marxistas britânicos; membro rebelde do Parlamento britânico a partir de 1983, Jeremy Corbyn foi figura desconhecida na arena internacional até tornar-se líder do Partido Trabalhista, em setembro de 2015. Sua escolha foi uma enorme surpresa. O posto ficou vago com a renúncia de Ed Miliband, após derrota em eleições gerais. Na Inglaterra, é preenchido por meio de eleições diretas, onde votam todos os membros de cada partido. Corbyn, já então aos 65 anos, julgou que não seria justo que a disputa ocorresse sem a presença de um postulante claramente identificado com as alas esquerdas do *Labour*. Na ausência de outros, candidatou-se.

Sua vitória era

tão improvável que, a princípio, sequer reuniu o número de adesões necessárias para entrar na cédula eleitoral. Pôde participar porque colegas parlamentares o endossaram, de última hora, num gesto condescendente. Uma vez confirmado, Corbyn dirigiu-se à base trabalhista com um programa claro, que combinava posições claramente antineoliberais com posturas democráticas.

Anunciou que se

oporia à retirada de direitos previdenciários (defendida então pelo *Labour*) e a todas as políticas de “austeridade” (praticadas pelo partido). Propôs ação do Estado para criar um banco voltado ao financiamento da habitação para as maiorias e à melhora de infraestrutura, nas áreas empobrecidas. Declarou-se contrário à aliança militar britânica com os EUA, às armas nucleares e à própria presença do país na OTAN. Anunciou a intenção de consultar frequentemente os militantes do partido, sobre as questões centrais de sua política.

Considerado

irrealista e ridicularizado por toda a mídia, este programa conquistou, no entanto, em poucas semanas, a maioria dos membros do partido. Em meio a três outros candidatos, todos ligados ao *establishment* trabalhista,

Corbyn elegeu-se com 59,5% dos votos. E ele não se mostraria capaz apenas de provocar – mas também de construir. Sua força nunca se assentou apenas nos votos dos grupos à esquerda. Sua eleição, ao contrário, desencadeou uma enchente de adesões ao partido, que dobrou o número de membros. A grande maioria são jovens, em processo inicial de politização.

A resiliência de

Corbyn, quando desafiado pela burocracia partidária, veio daí. Menos de um ano após eleito, ele foi derrubado, em manobra de seus próprios colegas de bancada parlamentar. A moção de desconfiança que o tirou do posto, em junho de 2016, foi aprovada por 172 votos contra apenas 40. Mas ele voltou nos braços dos ativistas, dois meses depois. Obteve o direito de disputar novamente o pleito e o venceu – desta vez com 61,8% dos votos, numa eleição que teve o comparecimento de estonteantes 77,6% dos inscritos no partido.

A importância

deste movimento fica ainda mais nítida quando ele é observado em seu contexto. Na Europa e na América do Norte, é o tempo de equiparação dos partidos; dos supostos socialdemocratas que se encarregam de executar o programa neoliberal. Ao mesmo tempo, no rastro das revoltas de 2011, há uma busca de alternativas à esquerda. Na Espanha, do movimento dos Indignados surgiu o Podemos (em 2014). Nos Estados Unidos, Bernie Sanders prepara-se para disputar a Casa Branca. O primeiro feito político de Corbyn foi demonstrar que, em certas condições, também os partidos que se julgava mortos podem renascer. E esta impressão se tornará mais forte logo a seguir, nas eleições gerais britânicas de 2017.

O sucesso nas urnas, em 2017, com um programa pós-capitalista

Em fevereiro de

2017, uma [colagem](#) na revista londrina *The Economist* – pró-capitalista e ferina – expôs o sentimento de sarcasmo do *establishment* britânico e global diante da nova esquerda. Uma lápide marca o túmulo do Partido Trabalhista, num descampado. Uma boina, idêntica à que Corbyn frequentemente usa, compõe a cena – junto com rosas vermelhas e murchas.

O texto que a

imagem ilustra é eloquente. Prevê a morte do *Labour* em

2030, após uma série de desastres políticos, iniciados pelo então líder trabalhista. O sentido é claro. Corbyn pode empolgar os antigos e novos militantes trabalhistas, pensa *Economist*.

Mas

não há o que temer: quanto mais eles se entusiasmarem, mais se encerrarão em sua bolha e se afastarão dos cidadãos comuns.

É provável que a

primeira-ministra conservadora Theresa May tenha comprado este peixe. Em abril de 2017, diante de dificuldades no Parlamento e de pesquisas de opinião que lhe davam 25 pontos percentuais de vantagem sobre os trabalhistas, ela os desafiou com uma proposta de convocação antecipada de eleições gerais. Ao contrário do que se previa, Corbyn e o *Labour* não se intimidaram: votaram em favor da antecipação.

A campanha foi

extremamente curta: apenas cinco semanas. Mas teve um elemento-surpresa: um

líder trabalhista ainda mais audacioso e concreto, na formulação de uma alternativa ao neoliberalismo. Seu programa era provocador desde o título: “Para muitos, não para poucos”. Mas agora, ao contrário do que fizera na disputa pela liderança trabalhista, Corbyn não se limitava a elencar pontos esparsos, capazes de sinalizar a rejeição às políticas de “austeridade”. Ele acenava aos Comuns.

Seu [Manifesto](#), como chamam os britânicos, era, já então, uma articulação coerente de propostas muito claras para inverter o rumo das políticas do Estado. Havia compromisso de transformar os serviços públicos (revitalizando o Sistema Nacional de Saúde, eliminando as mensalidades nas Universidades britânicas, reforçando-as ao mesmo tempo com dotações adequadas de recursos). Surgiam medidas redistributivas fortes, para financiar esta ousadia (aumento dos tributos sobre as corporações, os mais ricos, as operações financeiras).

Entravam em cena medidas estruturais na Economia (reestatização do abastecimento de água, das ferrovias, dos correios). Dialogava-se com agendas contemporâneas (reconhecimento vasto dos direitos LGBTI, proibição de propaganda de alimentos ultraprocessados na TV, banimento da exploração de petróleo por fragmentação rochosa). Anunciava-se o fim do alinhamento britânico aos EUA (proibição da venda de armas à Arábia Saudita, promessa de reviravolta na política externa).

O resultado, em 8 de junho, foi o desmentido frontal às previsões dos que acreditavam na moderação eterna do eleitorado. O *Labour* não venceu, mas chegou a 40% dos votos, ampliou em 30 parlamentares sua bancada e demonstrou que há espaço, na política contemporânea, para um novo imaginário pós-capitalista. De quebra atirou os conservadores a uma crise da qual só sairiam dois anos mais tarde, ao preço de se descaracterizarem e projetarem o país em incertezas.

Aqui entra a polarização pró-Brexit.

***Antonio Martins**, jornalista, é editor do site *Outras Palavras*.

Publicado originalmente no site *Outras Palavras*.